

O MEU AMANTE DE DOMINGO: UMA RESENHA

Resenha de: COELHO, Alexandra Lucas. *O meu amante de domingo*. Lisboa: Tinta da China, 2014. ISBN: 978-989-671-237-2.

Paula Renata Lucas Collares Ramis¹

Oriente próximo (2007) foi o primeiro livro publicado pela jornalista portuguesa Alexandra Lucas Coelho. O livro foi o resultado das suas experiências em Israel e nos Territórios da Palestina. Seguindo o mesmo caminho, numa espécie de reportagem-crônica-viagem, surgiram: *Caderno Afegão* (2009), *Viva o México* (2010), *Tahrir: Os dias da revolução* (2011) e *Vai Brasil* (2013)².

A partir do romance *E a noite roda* (2012), a autora trilha novas perspectivas. *O meu amante de domingo*, publicado em 2014, está dividido em 43 capítulos, tem como mote a história de uma mulher de 50 anos que pretende matar um homem. Por vezes, esse homem recebe a alcunha de “caubói”, “mecânico”, “cabrão”, “filho da puta” e, é claro, “o meu amante de domingo”. A história por si só já é interessante, considerando, especialmente os planos de vingança dessa mulher que se sente traída por vários homens. Entretanto, há um projeto bem mais grandioso, quer dizer, podemos pensar que a vingança planejada com afincos pela narradora recupera um desejo de vingar-se de todos os homens e uma luta contra a opressão feminina: “Porque os caubóis têm um menu. Modo trocista, modo culto, modo pornô, modo tão filho da puta que só mesmo a morte por esmagamento da pata de elefante (...)” (COELHO, 2014, p.24). *O meu amante de domingo* é um livro sobre a vingança e não sobre o amor: (...) a vingança é uma espécie de amante. Toma o lugar do morto na cama (COELHO, 2014, P.86-7). Sendo assim, a escrita é uma forma de vingança: “O livro seria como uma tupi portuguesa no verão de 2014” (COELHO, 2014, p.91).

A narrativa recupera discursos/práticas sociais sobre o lugar da mulher na sociedade para romper com sentidos e normas pré-estabelecidos e banalizados. Muitas vezes, a narradora-personagem é extremamente irônica:

¹ Doutora em Letras (PUCRS). Bolsista de Pós-doutorado na UFPel (PNPD/CAPES). E-mail: paulacollares123@hotmail.com

²Em 2016, a autora publicou o romance *Deus-dará*.

(...) Porque todas as abelhas querem é foder. Abelhas, antas, catatuas, rodovalhos, até os homens, claro, todos os homens desde o início dos tempos que sempre quiseram, e foderam as irmãs, as mães, as filhas, os filhos, os adolescentes, os homens de barba rija pela calada, os adolescentes pela calada, nas costas das mulheres com quem se deitavam todas as noites, porque o amor é eterno, e ainda assim vigiando que elas não saíssem de casa, que não olhassem para mais ninguém, ou enchendo-as de pancada, ou fodendo-as quando elas não queriam, ou fodendo as outras quando elas não queriam, porque toda a gente sabe que o que as mulheres querem é foder, além de foderem o juízo de toda a gente (...) (COELHO, 2014, p.82).

Com maestria, Alexandra Lucas Coelho constrói o seu texto com uma linguagem direta e que muitas vezes pode chocar, principalmente, quando descreve as relações sexuais sob a ótica feminina. A narrativa poderia ser dividida em dois planos que se inter-relacionam: A história da personagem e o seu projeto de vingança e a história da construção de um romance que será intitulado “O meu amante de domingo”.

É interessante observarmos a trajetória dessa personagem, sobretudo pensando na sua relação com o seu corpo e com a passagem do tempo. Por um lado, a personagem manifesta os dissabores: “Aí toda a gente diz que os cinquenta são os novos trinta. (...) o que eu digo é, quero o meu pescoço de volta” (COELHO, 2014, p.18). Por outro, confessa que a mulher mais velha conhece melhor o seu corpo e aquilo lhe confere prazer: “(...) Aliás, outra vantagem, depois dos quarenta anos somos capazes de ter melhores orgasmos do que aos vinte (...)” (COELHO, 2014, p.83).

É importantíssimo também pensarmos na forma como Alexandra Coelho discute a libertação sexual da mulher. Por exemplo, a autora traz as personagens Anna Karenina e Madame Bovary, mulheres casadas e que tiveram amantes para discutir a posição na mulher na atualidade. Antigamente, “(...) mulheres solteiras não tomavam amantes, quando tomavam eram putas (...)” (2014, p.21). Em *O meu amante de domingo*, a personagem é solteira e se envolve com homens casados: “(...) Levei um minuto a responder, que pensara que ele estava separado, mas também não andava à procura de namorado, portanto para mim não faria diferença (...)” (COELHO, 2014, p.24).

Ainda sobre a libertação sexual feminina, a personagem compra preservativos e muitas vezes mostra que quer apenas satisfazer os seus desejos: “Dai-me um homem que não pense. Um homem de pau duro que eu queira beijar, porque sem beijar não dá” (COELHO, 2014, p.30). Sem pudor, descreve exercícios sexuais, é descrita como “(...) uma mulher que aprecia o sexo” (COELHO, 2014, p.35) e faz juízos de valor sobre o órgão sexual masculino: “Era um pau com que se podia trabalhar (...)” (2014, p.31). A mulher, agora dona do seu dizer,

coloca-se na posição contrária e analisa o homem enquanto “produto” - mais uma forma de vingança.

Através do projeto de escrever um livro, a personagem-narradora pode trazer à tona momentos significativos da sua vida e assim conseguir fazer um “ajuste de contas” com o seu passado. Aos 15 anos, ela soube que não poderia ter filho e por isso a frase que mais ouviu foi “Podes sempre adoptar (...)” (COELHO, 2014, p.37). Passou por vários casamentos, divórcios e teve alguns amantes. Analisa-se como alguém que não tem marido, nem filhos, nem livros publicados e também sem emprego fixo. Para o leitor, parece que essa mulher é alguém que tem eventuais amantes de domingo para lidar com a solidão. Entretanto, surpreendemo-nos visto que a personagem está ciente das suas escolhas e sente-se bem dessa forma. Em contrapartida, ela recupera os discursos alheios que preferem enxergá-la como um fracasso.

A personagem-narradora tem doutorado, trabalha como revisora e no momento está trabalhando numa revisão de *Ulisses*, de Joyce. A sua escrita é repleta de registros intertextuais, especialmente, com a obra de Nelson Rodrigues. Há também diálogos com Machado de Assis, Balzac, Euclides da Cunha, etc. Numa relação muito próxima entre vida e obra, ela analisa esses autores. Aliás, as aproximações e os distanciamentos entre a “Realidade” e a Literatura são questões colocadas por Alexandra Coelho. Quais são os limites da ficção? A literatura também não seria uma forma de vida? Algumas vezes, a personagem-narradora defende que está lidando com a realidade:

claro que se isto fosse ficção eu não me perderia em delírios nem escreveria colhões. Mas caralho me fodam se me apanham nessa, porque isto é realidade até o ultimo fio louro do meu cabelo. Sou uma viking de Matosinhos, a gente rapa o pêlo na venta e deixa a pimenta na língua (COELHO, 2014, p.116).

Sente-se aliviada, pois não terá que inventar o verossímil, já que está lidando com fatos. Conjectura que será chamada de louca por ter utilizado o próprio nome. Lidar com fatos é não ter medo, escrever usando palavrões e coloquialismos – outro grande assunto que o romance quer discutir: “Ok, muita gente teve colhões, mas e hoje? Além de que quem escreve sobre sexo fica reduzido a uma categoria. Se não for anônimo, é maluco, exibicionista, agente provocador ou filósofo, como Sade” (COELHO, 2014, p.88).

A obra ficcional de Alexandra Lucas Coelho, assim como de outras autoras que despontam em Portugal, ainda não é muito conhecida no país e muito menos no Brasil. Sem dúvida, por tudo que foi explanado, a narrativa tem muitos méritos. Em apenas cento e oitenta páginas, discute-se sobre a maturidade feminina, a maternidade, o corpo, a sexualidade, o

amor e suas formas de violência e de opressão, etc. Apesar de tocar em questões tão profundas, a autora escreve de forma “descontraída”. Livro extremamente audacioso que mexe em questões históricas e culturais de Portugal – país que por tanto tempo (e ainda em muitos momentos) manteve um pensamento conservador e patriarcal.

Resenha recebida em: 12/06/17

Resenha aceita em: 20/07/17